

**Entre a proximidade e o pertencimento:
a construção conceitual dos territórios jornalísticos**

*Between proximity and belonging:
the conceptual construction of journalistic territories*

José Jullian SOUZA¹

Resumo

Este estudo investiga a relação entre jornalismo e território a partir dos conceitos de jornalismo comunitário, local, regional, proximidade, interior e hiperlocal e como esses conceitos possibilitam refletir proximidade, pertencimento e identidades. O objetivo é compreender como os conceitos territoriais jornalísticos dialogam com os sujeitos a partir da proximidade, pertencimento e identidades. O quadro metodológico perpassa por uma abordagem qualitativa, levantamento bibliográfico e aplicação da análise de conteúdo. Apontamos para as diferentes percepções sobre os territórios jornalísticos e os modos como cada conceito dialoga com as questões de pertencimento, proximidade e identidades. O pertencimento e a proximidade funcionam como uma espécie de elástico, que envolve ora mais localizado, ora mais abrangente. O sentimento de pertença pode ser entendido como algo que se constrói, reconstrói e se remodela conforme a variação e ampliação da cobertura midiática.

Palavras-chave: Jornalismo. Território. Proximidade.

Abstract

This study investigates the relationship between journalism and territory from the concepts of community, local, regional, proximity, interior and hyperlocal journalism and how these concepts make it possible to reflect proximity, belonging and identities. The objective is to understand how journalistic territorial concepts dialogue with subjects based on proximity, belonging and identities. The methodological framework involves a qualitative approach, bibliographic survey and application of content analysis. We point to the different perceptions about journalistic territories and the ways in which each concept dialogues with the issues of belonging, proximity and identities. Belonging and proximity work as a kind of elastic band, which involves sometimes more localized, sometimes more comprehensive. The feeling of belonging can be understood as something that is built, reconstructed and remodeled according to the variation and expansion of media coverage.

Keywords: Journalism. Territory. Proximity.

¹ Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Ceará (PPGCOM/UFC). E-mail: jullianjose64@gmail.com

Introdução

Um estudo mais aprofundado e elaborado sobre os conceitos utilizados no âmbito do território jornalístico é a função deste artigo. Entendemos que esse é um esforço intelectual, assim como proposto por Aguiar (2016). Contudo, enfatizamos a relação dessas construções conceituais partindo das ideias de jornalismo comunitário, local, regional, proximidade, interior e hiperlocal com as questões de proximidade, pertencimento e identidades entre territórios e audiências.

O nosso intuito é apresentar uma reflexão sobre os diferentes usos conceituais de territórios jornalísticos que ora ampliam-se, ora aproximam-se com esses espaços e lugares em que a atuação midiática objetiva dar visibilidade para as questões locais, bem como representar a sociedade, sua cultura, história, economia, política, seus problemas, personagens e vozes. Além disso, buscar jogar luz nas questões de proximidade, pertencimento e identidade.

Entendemos a necessidade desse apontamento, ao considerarmos que a relação que o jornalismo estabelece com os sujeitos, denominados de audiência, requer a construção de laços e de proximidade. O que, por sua vez, perpassa pelo sentimento de pertença e construção de identidades. Não basta estar situado em determinado território, é necessário se aproximar dos sujeitos e fazê-los se sentirem representados ao lerem, escutarem ou assistirem uma notícia em suas localidades.

Sendo assim, o objetivo geral deste estudo é compreender como os diferentes conceitos territoriais midiáticos dialogam com os sujeitos a partir da proximidade, pertencimento e identidades. E os objetivos específicos: a) apresentar conceitualmente os seis conceitos que se relacionam com o território e o jornalismo; b) fazer uma interlocução entre esses diferentes conceitos e; c) investigar como a proximidade, pertencimento e identidades são identificados nas construções conceituais.

O quadro metodológico tem uma abordagem qualitativa, na qual buscou-se compreender a relação entre os conceitos de forma mais aprofundada. Especificamente neste estudo, não identificamos a necessidade de situar uma pesquisa quantitativa, visto que o nosso interesse maior é na relação e não em quantificar quantos estudos utilizam esse ou aquele conceito. Nos pautamos também num levantamento referencial bibliográfico, considerando os diferentes materiais publicados sobre o tema em discussão,

como livros, capítulos, artigos de anais de eventos e periódicos e resultados de pesquisas de cursos de pós-graduação como dissertações e teses.

O processo de recuperação desses estudos ocorreu com o uso da combinação dos seguintes descritores: jornalismo e/ou território somados com comunitária, local, regional, proximidade, interior e hiperlocal. Para fins de análise, partimos para a Análise de Conteúdo (BARDIN, 2016), que estrutura o método em: organização da análise, codificação, categorização e inferência. Contudo, para esta pesquisa optamos por usar apenas três elementos dessa estrutura (organização da análise, categorização e inferência), visto que serão elas que poderão ser aplicadas na análise dos conceitos selecionados.

Conceitos e territórios jornalísticos

Cada um dos conceitos aqui discutidos (comunitário, local, regional, proximidade, interior e hiperlocal) apresenta particularidades e percepções próprias com esses territórios, ora visando uma maior aproximação, ora estabelecendo maior abrangência espacial. Dentro desse quadro, há três conceitos que apresentam maior dificuldade de delimitação, visualizado na literatura: jornalismo comunitário, local e do interior. Isso é evidente durante o processo de leitura das pesquisas que se debruçam sobre a temática, quando os autores utilizam não somente os conceitos, mas as próprias palavras (comunitário, local e interior) para explicitar as suas ideias e posicionamentos sobre o que delimita cada tipo de atuação.

Por exemplo, ao falar sobre a jornalismo comunitário os pesquisadores destacam o âmbito na atuação local, restringindo o âmbito de atuação. Além disso, identificam que esse tipo de jornalismo volta-se para o protagonismo cidadão, aproximando de organizações da sociedade civil, pois “[...] instituem processos de comunicação com vistas à mobilização social e à ampliação da cidadania” (PERUZZO, 2005, p. 76). A autora, inclusive, é uma das principais referências na área e utilizada em pesquisas posteriores que se debruçam nas tentativas conceituais.

O jornalismo local, também explicitada por Peruzzo (2005), compreende a informação que é gerada no território de pertença. Ou seja, de identificação com determinada localidade/região. Dornelles (2010) entende que a informação local está atrelada a um espaço de atuação mais localizado e restrito, como um bairro urbano, pequena comunidade ou cidade de pequeno porte. Numa comparação entre as duas

autoras, percebemos que ambas limitam a atuação do jornalismo local a um território geográfico de menor alcance, buscando obter como resultado: familiarização, pertença, identificação e interesse pelo conteúdo informacional.

Afinal, o papel fundamental e central do jornalismo local é, de fato, retratar os acontecimentos desse território, gerando informação de qualidade, impacto, preocupação e proporcionando visibilidade para as questões que são próprias de dado espaço geográfico. Além disso, essa proximidade cria um vínculo mais intimista com a audiência, que consegue vislumbrar os pormenores que estão ao seu redor.

A ideia do jornalismo do interior é uma temática observada nos estudos de Dornelles (2010). A autora destaca que o entendimento do jornalismo interiorano perpassa por cidades pequenas, com menos de 200 mil habitantes, pois esse tipo de jornalismo tende a direcionar sua atenção para as questões locais, de proximidade geográfica com a população gerando pertencimento e identificação. Além disso, conforme Deolindo (2017), o interesse pelo processo de interiorização do jornalismo no Brasil é recente, tendo iniciado nos anos 90, ou seja, cerca de 30 anos – o que nos possibilita identificar, ainda, maiores aprofundamentos teóricos, bem como pesquisadas fundamentadas no campo telejornalístico como veremos adiante.

Assim, como explicita Aguiar (2016, p. 27), o jornalismo do interior transita entre o comunitário e local, tendo “[...] como audiência presumida um público com fortes laços de pertencimento a uma localidade e espírito gregário e solidário em relações às pessoas que vivem nesse espaço de circulação”. Além disso, os recortes e escalas geográficas propõem formas de compreender estes territórios, e utilizando também conforme Mercadé (1997), a extensão de outros fatores como para o entendimento territorial, tais como:

- a) Sede territorial da publicação;
- b) Âmbito de difusão e cobertura;
- c) Vocação e intencionalidade a publicação;
- d) Tratamento dado aos conteúdos;
- e) Percepção do jornal sobre o leitor;
- f) Relação com as fontes de informações institucionais.

Há, assim, uma extensão das concepções que direcionam para o entendimento dos território, que não somente o espaç o geográfico-territorial. Além disso, há que se considerar que a proposição parte do cenário jornalístico. Todavia, é possível aplicarmos

as considerações de Mercadé (1997) para o campo midiático como um todo. Essa visão, aliás, tende a ampliar o escopo de compreensão do papel que o jornalismo exerce nos vastos territórios onde se localizam e centram a sua esfera de atuação.

Neste sentido, complementando esse escopo, Coutinho (2008) destaca a criação e a manutenção mediante ao vínculo de pertencimento e identidades representadas pelo jornalismo. Esse vínculo e identidade são fundamentos por três grandes dimensões que foram propostas por Bourdin (2001):

- a) Complementaridade e a troca;
- b) Sentimento de pertença à humanidade;
- c) Compartilhamento de uma mesma cotidianidade a partir do fato da vivência comum.

Dessa forma, essas três dimensões tendem a propor um olhar de proximidade, mais apurado e de localidade. E quando pensamos nessa tríade no contexto jornalístico, são fatores que possibilitam a manutenção da produção midiática e informacional, sobretudo no âmbito de atuação mais delimitado, a partir da busca do interesse do público em se ver e reconhecer. Isso nos leva a refletir que partir de uma perspectiva midiática somente voltada ao espaço geográfico é limitar a relação entre jornalismo, territórios e sujeitos. É não colocar à vista as histórias, culturas e identidades que estão postas nas localidades.

Destacamos, assim, os entendimentos de Deolindo (2013) e Reis (2018). A primeira autora ancora sua perspectiva de jornalismo regional para o preenchimento das lacunas informacionais, que não são captadas pelo jornalismo, daí a importância do contexto regional e do caráter de proximidade. Já a segunda autora, vai na contramão dos autores citados e parte para uma visualização da extrapolação desse território, visto que há carência de informação nas demais localidades situadas nas suas proximidades. O que direciona para a necessidade e importância dessa ampliação da cobertura midiática.

Cabe aqui também explorar sobre o conceito de proximidade no âmbito midiático. Amparado pela ideia de localismo, a proximidade objetiva trazer esse lugar de produção e cobertura dos acontecimentos. De acordo com Camponez (2002), a proximidade está relacionada com a realidade que cerca o jornalismo para a prestação de serviços de uma dada comunidade.

Assim, quando pensamos nessa proximidade, não somente territorial, mas abrangendo as demais dimensões, podemos exemplificar com o caso do rádio e do

radiojornalismo. Uma vez que “[...] com sua trajetória e os serviços proporcionados, [o rádio] apresenta uma inter-relação muito incontestável. Há uma propensão natural para a regionalização e também o localismo” (LIMA; LOPES, 2016, p. 151), sobretudo, devido a sua inserção nos territórios de norte a sul, de leste a oeste, das capitais ao interior. Ao trazer a informação de proximidade, o rádio foi se estabelecendo na sociedade e, mesmo com a presença de jornalismo televisivo ou sendo expandido para a internet, ele ainda mantém um vínculo afetivo, proximidade e carregando as marcas da regionalidade.

Acerca da internet, neste contexto, podemos entender que ela opera a partir da lógica de fortalecimento do vínculo com o local, ultrapassando as barreiras territoriais e geográficas. Tal ideia está presente na proposta de jornalismo hiperlocal. Aqui, as Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) redirecionam o foco para uma dimensão na esfera do local, como um espaço de interesse público para o usuário. Mediante ao uso da internet, dos novos dispositivos móveis e das plataformas digitais, o local passa a ser redimensionado e há um interesse pelo local (VICENTE; MIRANDA; CARVALHO, 2015). Além de explorar o conjunto de possibilidades tecnológicas, a jornalismo hiperlocal busca atualizar a noção de proximidade (PINTO, 2020).

Proximidade, pertencimento e identidade nos territórios jornalísticos

Acerca do conceito de jornalismo comunitário observamos que as características principais partem da compreensão de mundo do cidadão, da mobilização social e da defesa da cidadania. Ou seja, o seu foco está centrado na figura do cidadão e nos interesse da coletividade. Dessa forma, podemos entender que o comunitário tem como objetivo a função social que a própria palavra comunitária carrega consigo.

Mediante ao exposto sobre o conceito, a interlocução que pode ser feita com a tríade proposta (proximidade, pertencimento e identidade) é de que esses vieses buscam uma comunicação mais aproximada, com um caráter mais rudimentar, podendo ser utilizado aqui a ideia de um jornalismo mais voltado para o amadorismo. Isso não significa menos compromisso social, pelo contrário, ressalta os valores explícitos de uma causa dos seus sujeitos. O jornalismo comunitário trata da identidade nesse lugar de proximidade, com vistas a trazer essas vozes silenciadas e esquecidas que, geralmente, estão ligadas as causas sociais: as minorias.

Canclini (2015, p. 129) explicita que “A identidade é uma construção que se narra”. E essa narrativa, no contexto comunitário, ocorre dando protagonismo aos cidadãos e as organizações sem fins lucrativos. A proximidade e identidades, assim, passam a compor, ou ao menos funciona como uma tentativa, de trazer uma mobilização social à vozes territoriais mais próximas. Vozes que lutam pelos interesses de uma coletividade e de uma comunidade.

O segundo conceito é o de local. O jornalismo local tem como pressuposto a intenção de discorrer a partir do caráter de proximidade, porém uma proximidade mais abrangente do que o comunitário. Aqui, o território centra-se para as dimensionalidades da área de produção e emissão midiática. A sua preocupação não está necessariamente nos grupos minoritários - o que não exclui esses grupos, mas há uma mudança de direcionamento comunicacional -, mas no quê e em quem está ao seu redor.

Dornelles (2010) especifica o local referente a um bairro urbano ou pequenas comunidades/cidades. Essa sinalização tem maior grau de proximidade e abarca o pertencimento dos sujeitos partindo, inicialmente, da questão geográfica. Diferentemente da ideia de comunitário, não visualizamos uma especificação das vozes e narrativas em caráter de cidadania. A discussão sobre o local pode ser exemplificada pelo rádio e pelo telejornalismo, por exemplo.

O rádio tem uma função local importante para as sociedades. É a partir dele que a comunicação estabelece uma comunicação de proximidade com as pessoas e os territórios. O alcance que as suas ondas têm é redimensionado quando comparamos com a presença do jornalismo impresso na casa das pessoas. O rádio não é um veículo unitário, ou seja, mais de um sujeito ao mesmo tempo dentro de um mesmo local recebe a informação, o que não é possível com o jornalismo impresso, se no ambiente encontra-se apenas um único exemplar.

A função local do jornalismo também passa a ser ampliada com a chegada da televisão e do telejornalismo local. Coutinho e Emerim (2019), ao falarem sobre o telejornalismo local, compreendem a sua presença frente a um espaço para a prática de TV que é próxima, pertencente a vivência da região, das suas características sociais, culturais e identitárias. É o que se denomina como o serviço prestado dentro do espaço do telejornalismo, quando as pautas retratam o descaso de bairros e/ou comunidades.

De acordo com Canclini (2015), o rádio e o cinema foram os primeiros a contribuir com os relatos da identidade nas sociedades nacionais. Ainda como destaca

o autor, “Os noticiários que começaram a pôr em contato zonas distantes, assim como os filmes que ensinavam às massas de imigrantes como viver na cidade, tratando dos conflitos interculturais, propunham novas sínteses possíveis da identidade nacional em transformação” (CANCLINI, 2015, p. 129).

Com isso, “Essa vocação local caracteriza uma força bem maior do que o âmbito nacional. Porque essa tendência local está ligada, diretamente, com as tradições e identidades que são repassadas para o nacional, cujo objetivo é meramente comercial ou mercantil” (LIMA, 2008, p. 48). Ou seja, é através da proximidade onde é possível, de fato, obter os vínculos mais fortes de pertencimento e diferentes identidades no âmbito jornalístico.

Outro conceito em discussão é o de jornalismo regional. Primeiramente, identificamos que assim como o conceito de local, o regional aparece atrelado sem muitas vezes numa clara delimitação entre um e outro. Para iniciar a discussão trazemos à baila um questionamento realizado por Peruzzo (2005, p. 73): “Quais são as fronteiras entre o comunitário, local e o regional?”. Para responder tal questionamento a autora aponta para as relações e dinâmicas territoriais entre global-local, local-regional-nacional, local-comunitário e local-global.

Além disso, Peruzzo (2005) propõe a percepção de três noções necessárias: (1) a questão das fronteiras e da quebra das fronteiras; a mídia tem como praxe transgredi-las; (2) a questão do território; o determinante geográfico é uma noção superada. Hoje, há um novo tipo de território com base cultural, ideológica, idiomática, de circulação de informação etc.; (3) relação local-global, a globalização impulsiona a valorização do local. O que é interessante observar na proposição da autora, e compartilhado por outros, é a superação de território com base na geografia. Assim, as percepções particularizadas como a social, cultural e identitária passam a figurar como aspectos significativos e essenciais para o entendimento das mídias em dado território, como no caso do jornalismo.

Reis (2018), assim como Peruzzo (2005), também dialoga com a dificuldade em conceituar o jornalismo regional. Para a autora, há uma clara confusão conceitual entre comunitário, local, regional e interior. Como forma de tentar buscar essa diferenciação Reis (2018) buscou nos estudos de Milton Santos (1955) uma possível diferenciação. A partir da proposta de classificação na construção de um mapa jornalístico do Brasil, Santos (1955) delimitou quatro eixos de atuação da mídia (Quadro 1):

Quadro 1 – Eixos de atuação midiática no Brasil

Eixos	Descrição
Nacional	Circula na capital da República e em São Paulo, nas capitais estaduais e em camadas restritas das cidades servidas por linhas aéreas diárias.
Estadual	Cobre a superfície do estado respectivo. Sua função regional é, porém, tanto mais reduzida quanto mais desenvolvida a economia provincial e a sua rede de transportes.
Regional	Circula em sua área respectiva, sofrendo nas bordas a concorrência da região vizinha.
Local	Atende a interesses do lugar onde atua e não raro a problemas de natureza efêmera, animando-se ao sopro de paixões momentâneas, que marcam geralmente o seu tempo de vida ou renascimento

Fonte: elaborado pelo autor baseado em Santos (1955).

Mediante ao exposto no quadro acima, o jornalismo regional seria caracterizado pela sua relação com a sua área e pela região que a cerca. Com isso, Deolindo (2017) compreende que o conteúdo do jornalismo regional tende a reforçar a questão das identidades. Essa identidade tende a ser mais ampliada, diferentemente dos conceitos de comunitário e local, pois se há uma ampliação em termos territoriais, logo há também uma ampliação das questões culturais, histórias e sociais entrelaçadas as demais interferências.

Ou seja, a proximidade continua sendo mantida, mas conforme as escalas se ampliam há uma ampliação significativa do grau de proximidade e de identidades representadas midiaticamente. E o sentimento de pertencimento também continua sendo presente na construção e representação midiática, mas pode-se dizer que abarca maior heterogeneidade e profusão de identificações. Contudo, é necessário ponderar o que Hall (2006) discute ao falar sobre as identidades. Para ele, “Uma vez que a identidade muda de acordo com a forma como o sujeito é interpelado ou representado [pensando a partir do ambiente jornalístico, por exemplo], a identificação não é automática, mas pode ser ganhada ou perdida. Ela tornou-se politizada. Esse processo é, às vezes, descrito como constituindo uma mudança de uma política de identidade (de classe) para uma política de diferença” (HALL, 2006, p. 21).

O quarto conceito é o de proximidade. Camponez (2002) é um dos pesquisadores que aponta para uma discussão teórica e conceitual mais minuciosa. Para ele, a proximidade visa à representação do território, pois a construção e delimitação de um território não ocorre de forma natural uma vez que “[...] a região é o que está em jogo como objecto de lutas [...]” (BOURDIEU, 1989, p. 108). Além disso, Camponez (2002) destaca a importância da distinção entre massa e audiência. Para o autor, ao falarmos dos

territórios de pertença e identidade pode-se vislumbrar expressões de uma comunicação de massa. Todavia, o território não é necessariamente limitado às suas audiências.

Neste contexto, entendemos que há, aqui também, uma dificuldade em conceituar e esclarecer o jornalismo de proximidade. Isso pode ocorrer, quando pensamos na proximidade mais como característica do que propriamente conceito. Exemplifiquemos a questão. Até este momento, os conceitos de comunitário, local e regional explicitam em suas ideias a noção de proximidade. Essa proximidade não é somente territorial e geográfica, mas presente nas relações culturais e identitárias que os sujeitos possuem com determinados espaços. Há, com isso, um acionamento dessa proximidade que extrapola as barreiras geográficas e territoriais devido a globalização e ao desenvolvimento tecnológico.

Pode-se, por exemplo, morar ter se mudado de uma cidade interiorana brasileira para uma grande metrópole europeia. Contudo, permanecer ligado ao território pelos laços de pertencimento e proximidade que nós sujeitos carregamos conosco. Esse vínculo não ocorre, necessariamente, quando há essa troca, essa mudança, pois a relação construída entre sujeitos e territórios é maior do que a necessidade de estar presente no espaço. Veremos isso com mais afinco quando tratarmos sobre o jornalismo hiperlocal.

Desse modo, Raimundo (1991) nos apresenta a ideia de lei de proximidade, com quatro vertentes: geográfica, temporal, psicoafectiva e social. Essas vertentes nos ajudam a refletir sobre os diferentes graus de proximidade considerando aspectos variados.

Quadro 2 – Vertentes da lei de proximidade

Vertentes do conceito de proximidade	Características
Geográfica	É iniciada com o acontecimento da rua do bairro e vai sendo alargada para à região, pelo país a fora.
Temporal	Marca a distância do sujeito face ao momento em que se deram os acontecimentos (ontem, hoje, amanhã, na História).
Psicoafetiva	Integra valores como o sexo, a vida e a morte, a segurança, o dinheiro e o destino.
Social	Diz respeito a temáticas relacionadas com a família, a profissão, a classe social, a religião, a ideologia ou a política.

Fonte: elaboração própria com base em Raimundo (1991).

É interessante identificar como essas vertentes dialogam com os conceitos já mencionados. Além disso, podemos entender que as questões voltadas ao pertencimento e identidade podem ser percebidas sob tais angulações (geográficas, temporais, psicoafetivas e sociais).

Neste contexto, a noção de proximidade constitui-se como um quadro de referências fundamental para conseguir ler o mundo e construir o presente. Porém é de admitir que a imprensa regional e local (é dela que falamos aqui), (re)cria a sua especificidade ao trabalhar, fundamentalmente, no contexto dessa geometria variável de que falávamos há pouco, mas onde o conceito de proximidade geográfica assume um papel preponderante (CAMPONEZ, 2002, p. 118).

Seguindo na discussão, Peruzzo (2005) entende a proximidade objetiva expressar as especificidades de uma localidade, apresentando diferentes pontos de vista a partir dos cidadãos e que tem uma vínculo de pertencimento e vivência com o território. Para Correia, Jerónimo e Gradim (2021, p. 9), “Considerando que seu escopo de atuação [no âmbito do jornalismo] e a comunidade onde estão inseridos, a expectativa seria que o interesse prioritário fossem as questões de maior proximidade”. Pois, os territórios e populações estão ligados por fortes laços de proximidade e vizinhança.

Já o conceito de interior parece buscar certa distância das ideias de local e regional, visto que alguns autores o compreendem a partir de especificidades do ambiente interiorano e do localismo, como Dornelles (2010) e Assis (2013). Contudo, podemos enxergar entrelaçamentos e pontos em comum como é o caso da ideia de localismo. Dornelles (2010), como um das grandes contribuições sobre o jornalismo interiorano, explicita que as especificidades do interior estão ligadas com o espaço geográfico, o lugar de produção, cobertura dos acontecimentos locais, o interesse do público e como tudo isso afeta diretamente a população.

Mais do que nos outros conceitos, o interior apresentaria formas personalizadas de informação, conteúdo segmentado e certa informalidade entre o jornalismo, profissionais e os sujeitos. Isso aconteceria porque há maior envolvimento, logo, proximidade com os relatos jornalísticos. Os assuntos seriam mais pertencentes ao contexto social, histórico e cultural com as diferentes identidades desses interiores.

Há, assim, uma clara intenção de valorização das raízes e de toda essa conjuntura. A ancoragem no território busca explicitar e razão de ser, as especificidades e a força da localização presente no conteúdo (DORNELLES, 2010). Pois, “[...] o *interior* é cenário com dimensões bem mais amplas do que sua demarcação territorial. Trata-se, aliás, de lugar onde situações ocorrem segundo lógicas culturais e sociais próprias, constituídas com particularidades que a própria geografia condiciona” (ASSIS, 2013, p. 3). Assim, o jornalismo do interior beira uma informação microscópica, uma extensão de uma conversa entre duas senhoras que estão sentadas na calçada. Além disso, propicia uma

representação mais direta da sociedade, a troca de ideias, o debate, o interesse pelo ambiente que cerca o sujeito e uma atitude mais participativa.

Por fim, temos a ideia de jornalismo hiperlocal, que parte do pressuposto da necessidade dos usuários em saber a informação sobre o local de interesse, a partir de um cruzamento de notícias (LEMOS, 2009) e busca pela ampliação da comunicação aplicada a uma dimensão local, mediante ao cenário da mídia digital. Vicente, Miranda e Carvalho (2015) destacam o (re)interesse pelo local como principal fonte de notícias a partir de atualização da noção de proximidade, explorando o conjunto de fatores tecnológicos (PINTO, 2020).

Ao tratar do conceito de hiperlocal, temos um contexto tecnológico, o hiper, presente na tessitura contemporânea da comunicação sob a presença de ambientes, ferramentas e dispositivos tecnológicos. É uma relação que perpassa pela globalização, pela interação midiática e a redução das distâncias com o uso de *smartphones* e *tablets*. Ou seja, o território jornalístico local é possível de ser acessado quando, como e onde quiser. Há, literalmente, uma quebra de barreiras geográficas e tecnológicas da produção à transmissão de conteúdo, ainda mais quando pensamos na intensificação de informações que circulam no mundo via redes sociais.

Assim, o hiperlocal, como explicita Pinto (2020) atualiza a noção local no sentido de expansão para o mundo digital. E amplia também o sentimento de pertencimento, agora mediado pelos aparatos tecnológicos que torna possível a diminuição desta distância geográfica, bem como (re)inserem os sujeitos em novos formatos de contato com as questões sociais e culturais do espaço local. Aqui, o pertencimento não está, necessariamente, aliado com a presença *in loco* no território, acompanhando e vivenciando de perto os acontecimentos, as rotinas e as trocas simbólicas.

Este processo é realizado tem por base dispositivos e plataformas, no qual a interação homem e máquina fortalece esse sentimento de pertença e da visualização de identidades singulares. Neste sentido, o jornalismo hiperlocal também tende a se inserir num processo de reordenamento não somente sob o uso das potencialidades tecnológicas, mas, sobretudo, de um caminho que valoriza os sujeitos, as experiências e as trocas. E não somente os números, as curtidas e comentários.

Considerações finais

Com esta comunicação foi possível apontar para as diferentes percepções sobre os territórios jornalísticos e os modos como cada um dos conceitos dialoga com as questões de pertencimento, proximidade e identidades. Do comunitário ao hiperlocal apresentamos um mapeamento não somente das construções conceituais, mas como a sensação de proximidade é presente em todos os conceitos explicitados, contudo ora essa proximidade é mais restrita, a exemplo do jornalismo comunitário, ora mais expansivo, com o hiperlocal e todos os seus aparatos tecnológicos.

Isso nos direcionou para compreender e apresentar a importância das diferentes dimensões territoriais e midiáticas, que são exploradas pelos autores e na forma como eles retratam os conceitos em seus estudos. O que por sua vez também acarretará na forma como novos pesquisadores irão entender e utilizar tais conceitos. A linha é muito tênue e por vezes rasa, e a delimitação territorial não dá conta de (re)dimensionar a percepção de atuação do jornalismo nos vastos territórios. Isso seria menosprezar os demais elementos da conjuntura humana e apontar que somente o aspecto geográfico é o suficiente.

Dentro desse escopo o sentimento de pertença também pode ser entendido como algo que se constrói, reconstrói e se remodela conforme a variação e ampliação da cobertura territorial midiática. As questões locais e pontuais de dado espaço e lugar estão presentes em todos os conceitos analisados e, assim, o pertencimento, bem como a proximidade, também funciona como uma espécie de elástico, que envolve ora mais localizado, ora mais abrangente.

Referências

AGUIAR, Sonia. **Territórios do jornalismo**: geografias da mídia local e regional no Brasil. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2016.

ASSIS, Francisco de. Imprensa do interior: conceitos a entender, contextos a desvelar. In: ASSIS, Francisco de. (Org.) **Imprensa do interior**: conceitos e contextos. Chapecó: Argos, 2013. p. 13-19.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Tradução: Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2016.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil, 1989.

- BOURDIN, Alain. **A questão local**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- CAMPONEZ, Carlos. Territórios de proximidade. *In*: CAMPONEZ, Carlos. **Jornalismo de proximidade: rituais de comunicação na imprensa regional**. Coimbra: MinevaCoimbra, 2002. p. 107-129.
- CANCLINI, Néstor García. **Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização**. 8. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2015.
- COUTINHO, Iluska. Telejornalismo e identidade em emissoras locais: a construção de contratos de pertencimento. *In*: VIZEU, Alfredo (Org.) **A sociedade do telejornalismo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- COUTINHO, Iluska; EMERIM, Cárilda. Lugares, espaços, telas e reconhecimento: o local do telejornalismo na contemporaneidade. *In*: COUTINHO, Iluska; EMERIM, Cárilda (Orgs.) **Telejornalismo local**. Coleção Jornalismo Audiovisual. v. 8. Florianópolis: Insular, 2019.
- DEOLINDO, Jacqueline da Silva. Regiões jornalísticas do interior fluminense: as áreas de mercado dos jornais diários e sites de notícias locais e regionais. **Revista Geografar**, Curitiba, v.12, n.2, p. 170-195, jul. a dez./2017.
- DEOLINDO, Jacqueline da Silva. Fronteiras jornalísticas: do silêncio à alteridade. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 36, 2013, Manaus. **Anais [...]**, UFAM: Manaus, 2013.
- DORNELLES, Beatriz. O localismo nos jornais do interior. **Famecos**, Porto Alegre, v. 17, n. 3, p. 237-243, set./dez., 2010.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- LEMONS, André. Nova esfera Conversacional. *In*: MARQUES, Ângela; COSTA, Caio Túlio; COELHO, Cláudio Novaes Pinto *et al.* **Esfera pública, redes e jornalismo**. Rio de Janeiro: E-Papers, 2009. p. 9-30.
- LIMA, Maria Érica de Oliveira. LOPES, John William. A produção e circulação de conteúdo na mídia regional: o caso da rede Somzoom Sat. **Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional**, Taubaté, v. 12, n. 4, p. 144-162, dez/2016.
- LIMA, Maria Érica de Oliveira. Regionalização midiática: conceitos e exemplo. *In*: MARÇOLLA, Rosângela; OLIVEIRA, Roberto Reis de. (Orgs.) **Estudos de mídia regional, local e comunitária**. Unimar, São Paulo: Arte & Ciência, 2008. p. 43-76.
- MERCADÉ, Juan. Marcía. **La fuerza del periodismo local em la era de la globalización electrónica**. Pontevedra: Universidade de Vigo, 1997.

PERUZZO, Cicilia M. Krohling. Mídia regional e local: aspectos conceituais e tendências. **Comunicação & Sociedade**, São Bernardo do Campo, v. 26, n. 43, p. 67-84, 2005.

PINTO, Adriana Bagno Alves. **Jornalismo de proximidade e hiperlocal: smartphones na produção da notícia no telejornalismo**. 2020. Dissertação (Mestrado em Jornalismo), Universidade Federal da Paraíba, Centro de Comunicação, Cultura e Arte, João Pessoa, 2020.

RAIMUNDO, Orlando. **A Linguagem dos Jornalistas**. 2ª ed. Lisboa: Acontecimentos, 1991.

REIS, Thays Assunção. Jornalismo Regional: uma leitura a partir dos critérios de noticiabilidade do jornal O Progresso. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, Florianópolis, v. 15, n. 1, p. 62-72, Jan./Jun. 2018.

SANTOS, Milton. **Classificação funcional dos jornais brasileiros** – As regiões jornalísticas (1955). In: NOTICIÁRIOS DA REDE ALCAR. Ano 7, n. 83, de 1º. de novembro de 2007.

VICENTE, Guilherme Henrique; CARVALHO, Juliano Maurício de; MIRANDA, Giovani Vieira. Conceituação e Análise de um Jornalismo Hiperlocal na Era Digital. In: CONFERÊNCIA BRASILEIRA DE MÍDIA CIDADÃ, 20., 2015, Bauru. **Anais [...]** Bauru: UNESP, 2015.